

# AS SETE IGREJAS DO APOCALIPSE

EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL



Colin J. Hemer

# SUMÁRIO

---

<i>Prólogo</i> . . . . .	9
<i>Nota introdutória</i> . . . . .	13
<i>Reduções gráficas</i> . . . . .	15
<i>Prefácio</i> . . . . .	21
<b>Capítulo 1</b>	
<b>Introdução</b>	
1. Apresentação do tema . . . . .	29
2. O problema histórico . . . . .	31
3. O caráter e os destinatários de Apocalipse . . . . .	46
4. Métodos e fontes . . . . .	56
<b>Capítulo 2</b>	
<b>O contexto de Patmos</b>	
1. João em Patmos . . . . .	67
2. Patmos e as imagens de Apocalipse . . . . .	70
3. Notas preliminares sobre Apocalipse 1 . . . . .	72
4. O problema dos anjos . . . . .	73
<b>Capítulo 3</b>	
<b>Éfeso</b>	
1. Considerações introdutórias . . . . .	77
2. O elemento judaico no contexto da carta . . . . .	79
3. A árvore da vida . . . . .	85
4. O refúgio de Ártemis . . . . .	94
5. O paraíso de Deus . . . . .	97
6. Éfeso como a “cidade de mudança” . . . . .	100
7. Resumo das conclusões . . . . .	103
<b>Capítulo 4</b>	
<b>Esmirna</b>	
1. Considerações introdutórias . . . . .	105
2. O Primeiro e o Último . . . . .	109
3. O contexto da igreja de Esmirna . . . . .	117
4. A coroa da vida . . . . .	124
5. Conclusões . . . . .	132
<b>Capítulo 5</b>	
<b>Pérgamo</b>	
1. Considerações introdutórias . . . . .	135
2. O trono de Satanás . . . . .	142

3. Balaão e os nicolaítas . . . . .	150
4. O maná e a pedra branca . . . . .	159
5. Conclusões . . . . .	173

## Capítulo 6

### Tiatira

1. Considerações introdutórias. . . . .	175
2. Chalkolibanos. . . . .	183
3. Jezabel. . . . .	192
4. O fim da carta . . . . .	201
5. Relações com capítulos posteriores . . . . .	206
6. Resumo das conclusões. . . . .	207

## Capítulo 7

### Sardes

1. Considerações introdutórias. . . . .	209
2. Judeus e pagãos em Sardes . . . . .	217
3. O texto da carta . . . . .	226
4. Conclusões. . . . .	239

## Capítulo 8

### Filadélfia

1. Considerações introdutórias. . . . .	243
2. Filadélfia no primeiro século . . . . .	247
3. O texto da carta . . . . .	254
4. Evidências da igreja posterior em Filadélfia . . . . .	265
5. Resumo e conclusões . . . . .	275

## Capítulo 9

### Laodiceia

1. Considerações introdutórias: as cidades do Lico . . . . .	279
2. O contexto judaico . . . . .	285
3. A mornidão de Laodiceia (Ap 3.15-16). . . . .	291
4. <i>Propriis opibus</i> [com os próprios recursos] (Ap 3.17) . . . . .	298
5. Pobre, cega e nua (Ap 3.17) . . . . .	305
6. A porta e o trono . . . . .	313
7. Resumo das conclusões. . . . .	322

<i>Epílogo</i> . . . . .	325
--------------------------	-----

<i>Bibliografia selecionada</i> . . . . .	329
---	-----

<i>Índice de inscrições, moedas, papíros e óstracos</i> . . . . .	349
---	-----

<i>Índice de palavras gregas, hebraicas e latinas.</i> . . . . .	353
--	-----

<i>Índice de topônimos modernos</i> . . . . .	355
---	-----

<i>Índice remissivo</i> . . . . .	357
-----------------------------------	-----

<i>Índice de referências bíblicas, apócrifos, pseudepígrafes e escritos rabínicos</i> . . . . .	377
---	-----

# PRÓLOGO

---

Este livro começou como tese de doutorado supervisionada pelo professor F. F. Bruce e aceita pela University of Manchester em 1969, apresentada aqui de forma reescrita e resumida. As pesquisas em que é baseado tiveram como ponto de partida as leituras e preparativos para uma expedição à Ásia Menor.

Minha maior dívida acadêmica é com a orientação segura e gentil do professor Bruce, que se encontra nas mais elevadas tradições dos estudos acadêmicos históricos ingleses e que definiu um firme padrão de excelência para seus alunos.

Devo muito aos companheiros de minhas duas viagens à Turquia em 1964 e 1969, D. Evens, G. P. Rendle, H. P. Sitters, sr. e sra. J. e H. Slade e C. E. Vernon e, em especial, à iniciativa do sr. J. P. Stunt, que organizou e coordenou as duas visitas e cuja amizade ao longo de vários anos tem sido grande amparo.

Agradeço calorosamente às bibliotecas em que trabalhei em diversos períodos, especialmente à John Rylands University Library em Manchester, à Cambridge University Library e às bibliotecas do Museum of Classical Archaeology e da Tyndale House, em Cambridge. Minha ligação com esta última, sob seus diretores sucessivos, rev. F. D. Kidner, dr. R. T. France e dr. M. J. Harris, foi de especial valor. A assistência financeira por meio de bolsas da Tyndale House Council tornou possível dar continuidade a meu trabalho em momentos de grande importância; a comunidade de acadêmicos da Tyndale House e os recursos de sua biblioteca são um estímulo e um prazer para pesquisadores de diversos países. Em tempos recentes, o Dr. Helge Stadelmann fez uma homenagem a essa *Forschungsgemeinschaft* e sua *anregende Diskussionen während so mancher Teepause*: tamanho elogio em uma obra alemã de teologia é de valor indiscutível.

Esta obra se tornou realidade graças ao incentivo de vários amigos. Tenho uma grande dívida para com muitos nas comunidades acadêmicas de

Cambridge, Manchester e Sheffield e para com amigos em Plymouth e outros lugares. Sou grato pela gentil referência à minha obra em livros ou comentários recentes do Dr. J. M. Court, dos professores R. H. Mounce e P. Prigent, do rev. J. P. M. Sweet e do professor E. M. Yamauchi. Por fim, meus agradecimentos especiais ao professor G. N. Stanton pelos muitos comentários proveitosos que ele fez sobre o manuscrito final e pelo cuidado metuculoso do professor D. J. A. Clines e de seus colegas ao prepararem para impressão um livro difícil.

Eu atribuo o início do meu interesse especial nas sete igrejas a uma fagulha acesa muito tempo atrás pelo cônego E. M. B. Green e a um entusiasmo de longa data pela obra de sir W. M. Ramsay. Esse estudo, em sua concepção inicial, foi em grande medida uma reavaliação de Ramsay. Descobri que, muitas vezes, ele era ignorado, seguido sem nenhuma crítica, depreciado por ser considerado especulativo ou por ser ingênua e polemicamente um apoloquista, mas apenas em ocasiões raras era reexaminado de forma imparcial. Com o tempo, desenvolvi meu trabalho e lhe dei nova forma além dessa perspectiva, mas não abandonei um interesse central em trabalhar de maneira inédita com as fontes primárias. Portanto, a ênfase principal destas páginas é sobre a aplicação das evidências originais ao texto, e não sobre a literatura secundária. Pareceu-me melhor desenvolver meu argumento aqui tendo em conta os estudos mais recentes, mas sem interação sistemática com as perspectivas adotadas pelos comentaristas mais recentes. Procurei descrever na Introdução e no Epílogo algumas das implicações mais amplas de meu tema para os estudos críticos e históricos. Ficou cada vez mais evidente para mim, por exemplo, sua influência na discussão iniciada pela obra de Walter Bauer, *Rechtgläubigkeit und Ketzerei* [Ortodoxia e heresia]. E, desde que comecei a desenvolver meus interesses pelo contexto do Novo Testamento, a abordagem “sociológica” se tornou cada vez mais popular. Procurei dizer algo a respeito da história social das cidades, pois é um elemento essencial para meu tema e diz respeito a questões de grande interesse atual. Aliás, dou grande valor à obra do professor E. A. Judge em particular, mas minha dívida para com ele e seus colegas em Macquarie se encontra fora do escopo central do presente estudo.

Aprendi muita coisa com os interesses diversos de vários públicos: ingleses, alemães, chineses, australianos, turcos e internacionais, aos quais

apresentei as “Sete Igrejas” de forma visual. Este é, agora, senão exatamente “o livro dos filmes”, pelo menos a subestrutura acadêmica e técnica à qual procurei sempre relacionar todas as seleções de falas e imagens. A fim de que a erudição seja comunicada de forma eficaz, os alicerces acadêmicos precisam estar firmemente estabelecidos.

# NOTA INTRODUTÓRIA

---

Por vezes, há certa dificuldade em fazer referência à literatura antiga. Existem muitas variações confusas para diversos autores importantes, e é problemático deparar, em citações de autores modernos, com inúmeras referências incompletas, errôneas ou cuja origem não pode ser identificada. O maior problema é relacionado ao caso de Élio Aristides, cujos discursos são citados de formas diversas, em conformidade com sistemas e paginações inteiramente desconexos nas edições de Jebb (1722), Dindorf (1829) e Keil (1898), todas de difícil acesso. Poucas alusões a esses discursos em obras modernas podem ser identificadas diretamente, sem a necessidade de extensa leitura consecutiva. Portanto, trabalhei com base no princípio de que o valor de uma referência depende da possibilidade de identificar sua fonte e procurei, à custa ocasional de uma sequência deselegante de números, descrever passagens antigas por meio de anotações tão completas e variadas quanto necessário e possível com base nas versões disponíveis. Explicações de pontos específicos são, por vezes, apresentadas em notas de rodapé e um sinal de = é inserido quando uma duplicação poderia ocasionar confusão em vez de evitá-la.

Nomes gregos são, em geral, latinizados nas formas mais conhecidas e aceitáveis em nossa língua, mas não fizemos nenhuma tentativa de forçar uma coerência meticulosa e rígida sem consideração pelo contexto. Usamos abreviações convencionais para escritores antigos e suas obras.

# REDUÇÕES GRÁFICAS

---

ABSA	<i>Annual of the British School at Athens.</i>
AJA	<i>American Journal of Archaeology.</i>
AJSL	<i>American Journal of Semitic Languages.</i>
AJT	<i>American Journal of Theology.</i>
AS	<i>Anatolian Studies.</i>
AthMitt	<i>Mitteilungen des deutschen archäologischen Instituts, Athenische Abteilung.</i>
BA	<i>The Biblical Archaeologist.</i>
BASOR	<i>Bulletin of the American School of Oriental Research.</i>
BCH	<i>Bulletin de correspondance hellenique.</i>
BJRL	<i>Bulletin of the John Rylands Library, Manchester.</i>
BMC	<i>Catalogue of the Greek Coins in the British Museum.</i>
CAH	<i>Cambridge Ancient History.</i>
CB	W. M. Ramsay, <i>Cities and bishoprics of Phrygia</i> , 2 vols. (Oxford, 1895).
CIG	<i>Corpus Inscriptionum Graecarum.</i>
CIJ	<i>Corpus Inscriptionum Iudaicarum.</i>
CIL	<i>Corpus Inscriptionum Latinarum.</i>
CIL	<i>Corpus Inscriptionum Semiticarum.</i>
CP	<i>Classical Philology.</i>
CR	<i>The Classical Review.</i>
CRE	W.M. Ramsay, <i>The church in the Roman Empire before AD 170</i> (London, 3. ed, 1894).
CSHB	<i>Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae.</i>
DGRA	Sir W. Smith, <i>Dictionary of Greek and Roman Antiquities</i> (London, 3. ed., 1890).
EB	<i>Encyclopaedia Biblica.</i>
EBr	<i>Encyclopaedia Britannica.</i>
EQ	<i>The Evangelical Quarterly.</i>
Expos	<i>The Expositor.</i>
ExpT	<i>The Expository Times.</i>
FGH	<i>Die Fragmente der griechischen Historiker</i> , org. F. Jacoby (Leiden, 1954-).
HDB	<i>A Dictionary of the Bible</i> , org. J. Hastings (Edinburgh, 1898-).
ICC	<i>International Critical Commentary.</i>
IG	<i>Inscriptiones Graecae.</i>
IGRR	<i>Inscriptiones Graecae ad Res Romanas Pertinentes.</i>
ILS	<i>Inscriptiones Latinae Selectae</i> , org. H. Dessau.
Jahreshefte	<i>Jahreshefte des österreichischen archäologischen Instituts in Wien.</i>

JBL	<i>Journal of Biblical Literature.</i>
JDAI	<i>Jahrbuch des deutschen archiologischen Instituts.</i>
JEH	<i>Journal of Ecclesiastical History.</i>
JHS	<i>Journal of Hellenic Studies.</i>
JRS	<i>Journal of Roman Studies.</i>
JSS	<i>Journal of Semitic Studies.</i>
JTS	<i>Journal of Theological Studies.</i>
LAE	A. Deissmann, <i>Light from the Ancient East</i> , trad. L.R.M. Strachan (London, 1927).
LBW	P. Le Bas; W. H. Waddington, <i>Voyage archéologique en Grece et en Asie Mineure</i> (Paris, ? c.1843-).
LCL	<i>Loeb Classical Library.</i>
LSh	Lewis; Short, <i>A Latin Dictionary</i> (Oxford, 1879).
LSJ	Liddell; Scott; Jones, <i>A Greek-English Lexicon</i> , New Edition (Oxford, 1940).
MAMA	<i>Monumenta Asiae Minoris Antiqua.</i>
MS	<i>Manuscrito</i>
NBD	<i>The New Bible Dictionary</i> (London, 1962).
NovT	<i>Novum Testamentum.</i>
NTS	<i>New Testament Studies.</i>
OCD	<i>Oxford Classical Dictionary.</i>
OCT	<i>Oxford Classical Texts.</i>
OGIS	<i>Orientis Graeci Inscriptiones Selectae.</i>
PEQ	<i>Palestine Exploration Quarterly.</i>
PG	<i>Patrologia Graeca</i> , org. J. P. Migne.
PIR	<i>Prosopographia Imperii Romani</i>
PL	<i>Patrologia Latina</i> , org. J. P. Migne.
PW	Pauly-Wissowa-Kroll, <i>Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft.</i>
RA	<i>Revue archéologique.</i>
SC	W.M. Ramsay, <i>The Letters to the Seven Churches of Asia</i> (London, 1904).
SEG	<i>Supplementum Epigraphicum Graecum.</i>
SIG <sup>3</sup>	<i>Sylloge Inscriptionum Graecarum</i> , 3. ed.
SPTR	W. M. Ramsay, <i>St. Paul the Traveller and the Roman Citizen</i> (London, 1895).
TB	<i>Tyndale Bulletin.</i>
TDNT	<i>Theological Dictionary of the New Testament</i> , org. G. Kittel, trad. G. W. Bromiley (Grand Rapids, 1964-1976).
TLZ	<i>Theologische Literaturzeitung.</i>
TWNT	<i>Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament</i> , org. G. Kittel (Stuttgart, 1933-1979).
ZNTW	<i>Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft.</i>
ZPE	<i>Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik.</i>

**Apócrifos**

1Mc	1Macabeus	Tb	Tobias
2Mc	2Macabeus		

**Pseudepígrafes**

2Bar	2Baruque	Or. Sib.	Oráculos Sibilinos
3Bar	3Baruque	Pirke Aboth	
1En	1Enoque	Test. Benj.	Testamento de Benjamim
2En	Enoque	Test. Dã	Testamento de Dã
4Ed	4Esdras	Test. Levi	Testamento de Levi
Jub	Jubileus		

**Autores e textos antigos**

Álbio Tibulo (Álb. Tib.)		Hin. Demét.	Hino a Deméter
Apiano (Api.)		Cícero (Cíc.)	
G. C.	Guerras civis	Ático	Cartas a Ático
G. S.	Guerras sírias	Amig.	Cartas aos amigos
Mitríd.	Mitrídates	Filíp.	Filípicas
Apolônio de Rodas (Ap. Rod.)		Flaco	Em defesa de Flaco
		Verres	Contra Verres
Apuleio (Apu.)		Clemente de Alexandria (Clem.)	
Apol.	Apologia	Rico	Que rico se salva?
Aquiles Tácio (Aq. Tác.)		Damis	
		Vid. Apol.	Vida de Apolônio
Aristófanes (Aristóf.)		Demóstenes (Dem.)	
Acar.	Os acarnianos	Coroa	Sobre a Coroa
Eq.	Os cavaleiros		
Lisístr.	Lisístrata	Dião Crisóstomo (D. Crisóst.)	
Nuvens	As nuvens	Dião Cássio (D. Cáss.)	
Paz	A Paz	Epít.	Epítome
Plut.	Plutus		
Arriano (Arr.)		Diodoro Sículo (Diod. Síc.)	
Alex.	Anábase de Alexandre	Diógenes Laércio (Dióg. Laér.)	
Dis. Epic.	Discurso de Epicteto		
Artemidoro (Art.)		Dionísio Periegeta (Dion. Perieg.)	
Sonhos	Sobre a interpretação dos sonhos	Élio Aristides (Arist.)	
		Hin. Esc.	Hino a Asclépio
Ateneu (Aten.)		Pal.	Palinódia de Esmirna estabelecida
Deipn.	Deipnosofistas		
Calímaco (Cal.)		Epifânio (Epif.)	
Hin. Árt.	Hino a Ártemis	Heres.	Contra heresias

Escribônio Largo (Escrib. Larg.) <i>Comp. Med. Composições                                   medicamentosas</i>	Heródoto (Hdt.)
Ésquilo (Ésq.) <i>Eumen. As eumênides Pers. Os persas</i>	Hesíodo (Hes.) <i>Esc. O escudo de Hércules.</i>
Ésquines (Ésquín.) <i>Timarco Contra Timarco</i>	Homero (Hom.) <i>Hin. Afr. Hino a Afrodite Il. Ilíada Od. Odisseia</i>
Estácio (Est.) <i>Silvae</i>	Horácio (Hor.) <i>Carm. Carmina (Odes) Epíst. Epístolas Od. Odes Sát. Sátiras</i>
Estêvão de Bizâncio (Est. Biz.)	Inácio (Ina.) <i>Ep. Ef. Epístola aos efésios Ep. Esm. Epístola aos esmirniotas Ep. Filad. Epístola aos filadelfos Ep. Mag. Epístola aos magnésios Ep. Poli. Epístola a Policarpo Ep. Trál. Epístola aos trálios</i>
Estrabão (Estrab.) <i>Geografia</i>	Ireneu (Iren.) <i>Haer. Contra as Heresias</i>
Eurípedes (Eur.) <i>Ion Ion If. taur. Ifigênia entre os tauros</i>	Isidoro <i>Etym. Etymologiae</i>
Eusébio de Cesareia (Eus.) <i>Cron. Crônicas H. E. História eclesiástica</i>	Josefo (Jos.) <i>Ant. Antiguidades dos judeus C. Ap. Contra Apião G. J. Guerra dos judeus</i>
Eustácio (Eust.)	Júlio César <i>G. C. Guerra civil</i>
Filo de Alexandria <i>Aleg. leis Sobre a alegoria das leis C. Flaco Contra Flaco Jos. Sobre José V. Moisés. Vida de Moisés</i>	Justino Mártir (Just. Mart.) <i>Diál. Trif. Diálogo com Trifão</i>
Filóstrato (Filóstr.) <i>V. Apol. Vida de Apolônio de                                   Tiana V. sof. Vida dos sofistas</i>	Juvenal (Juv.) <i>Sát. Sátiras</i>
Galeno (Gal.) <i>Preserv. Sobre a preservação da                                   saúde</i>	Lactânio (Lac.) <i>Inst. div. Instituições divinas</i>
Heliodoro (Hel.) <i>Hist. Et. História da Etiópia</i>	Lívio (Lív.) <i>Epít. Epítome</i>

Luciano (Luc.)		Alc.	<i>Vida de Alcibíades</i>
<i>Acusação</i>	<i>Dupla acusação</i>	Alex.	<i>Vida de Alexandre</i>
Alex.	<i>Alexandre, o falso profeta</i>	Ant.	<i>Vida de Antônio</i>
Assalar.	<i>Contra os assalariados</i>	Cíc	<i>Vida de Cícero</i>
	<i>dos grande</i>	Mor.	<i>Morália</i>
D. mort.	<i>Diálogo dos mortos</i>	Pér.	<i>Vida de Pércles</i>
Marcial (Mar.)		Sert.	<i>Vida de Sertório</i>
Epig.	<i>Epigramas</i>	Sól.	<i>Sólón</i>
Nemesiano (Nem.)		Sula	<i>Vida de Sula</i>
Cineg.	<i>Cinegética</i>	Tib. Grac.	<i>Vida de Tibério Graco</i>
Nono de Panópolis (Nono)		Políbio (Políb.)	
Dion.	<i>Dionísíaca</i>	Policarpo (Poli.)	
Orósio (Oros.)		Ep. Filip.	<i>Epístola aos Filipenses</i>
Ovídio (Ov.)		Polieno (Polie.)	
Faustos		Estrat.	<i>Estratagemas de Guerra</i>
Metam.	<i>Metamorfoses</i>	Pseudo-Apolodoro (Ps. Apol.)	
Trist.	<i>Trístia</i>	Epit.	<i>Epítome</i>
Pausânias (Paus.)		Pseudo-Aristóteles (Ps. Arist.)	
Pérsio (Pérs.)		<i>Sobre Marav. Sobre as Maravilhosas</i>	
Sát.	<i>Sátiras</i>		<i>Coisas Ouvidas</i>
Píndaro (Pínd.)		Quinto de Esmirna (Q. Esm.)	
Olímp.	<i>Odes olímpicas</i>	Sílio (Sil.)	
Platão (Plat.)		Púnica	
República		Sófocles (Sóf.)	
Plauto (Plaut.)		Traq.	<i>As traquírias</i>
Poen.	<i>Poenus (O pequeno púnico)</i>	Suetônio (Suet.)	
Plínio, o Jovem (Plín. J.)		Ant. grega	<i>Antologia grega</i>
Ep.	<i>Epístolas</i>	Aug.	<i>Vida de Augusto</i>
Ep. Traj.	<i>Epístolas a Trajano</i>	Calíg.	<i>Vida de Calígula</i>
Plínio, o Velho (Plín.)		César	<i>Vida de César</i>
H. N.	<i>História Natural</i>	Dom.	<i>Vida de Domiciano</i>
Plutarco (Plut.)		Nero	<i>Vida de Nero</i>
Q. greg.	<i>Questões gregas</i>	Tib.	<i>Vida de Tibério</i>
		Tácito (Tác.)	
		An.	<i>Anais</i>
		Hist.	<i>Histórias</i>

Teofrasto (Teofr.)

*Carát.*      *O caráter*

*Hist. plant.*    *História das plantas*

Tertuliano (Tert.)

*Presc. her.*    *Prescrição contra hereges*

*Ressur. carn.*    *Sobre a ressurreição  
da carne*

Tucídides (Tuc.)

Veleio Patérculo (Vel. Pat.)

Vitrúvio (Vitr.)

Virgílio (Virg.)

*Eneida*

*Georg.*      *Geórgicas*

Xenofonte (Xen.)

*Anáb.*      *Anábase*

*Cir.*      *Ciropédia*

*Econom.*    *Econômico*

*Helen.*      *Helênicas*

## PREFÁCIO

---

Colin Hemer e eu nos conhecemos perto do final de junho de 1983 na biblioteca da Tyndale House, em Cambridge, onde ele era professor pesquisador. Sobre sua mesa, em uma sala pequena e um tanto apertada próxima da entrada, havia uma pilha imensa de páginas amassadas de texto datilografado, o manuscrito no qual *The Letters to the Seven Churches of Asia in Their Local Setting* seria baseado. A essa altura, o manuscrito havia sido aceito para fazer parte da Monograph Series do periódico Studiorum Novi Testamenti Societas, sob a condição de que sua extensão fosse consideravelmente reduzida. Por motivos que não ficaram claros para mim, no fim das contas, *The Letters to the Seven Churches of Asia* foi publicado como suplemento do *Journal for the Study of the New Testament*, pela JSOT Press, da University of Sheffield, em 1986.

Nascido em 11 de setembro de 1930, Colin Hemer recebeu a bolsa Stapledon em estudos clássicos e ingressou no Exeter College, Oxford, em 1949 (a mesma faculdade em que sir William M. Ramsay tinha sido aceito como professor em 1882), onde cursou matérias avançadas sobre os clássicos e filosofia (“Os Grandes”). Depois disso, Hemer lecionou latim e grego durante cerca de dez anos em escolas preparatórias e de ensino médio e, em 1965, começou a trabalhar em seu doutorado na University of Manchester. Sob a supervisão do professor F. F. Bruce, completou em 1969 a tese de doutorado cujo título era “Um estudo das cartas às sete igrejas da Ásia com especial referência a seu contexto local”. De 1970 a 1977, Hemer se dedicou à pesquisa na Tyndale House, Cambridge, e em seguida foi professor temporário de Novo Testamento na University of Manchester durante dois anos (1977-1979). Antes de começar um período de dois anos como bibliotecário da Tyndale House, foi professor visitante na Macquarie University, em Sidney (junho a setembro de 1980), onde seu principal foco era a avaliação da viabilidade de revisar o léxico de Moulton e Milligan do Novo Testamento com

base principalmente em evidências dos papiros publicados em 1930.<sup>1</sup> De 1983 até sua morte prematura em 14 de junho de 1987, depois de uma breve enfermidade, ele foi professor pesquisador na Tyndale House. De 1971 em diante, Hemer escreveu mais de cinquenta artigos acadêmicos sobre diversos aspectos da lexicografia, epigrafia, arqueologia e história clássicas e neotestamentárias.

Hemer e Bruce (orientador de sua tese) eram admiradores de longa data do escocês sir William M. Ramsay (1851-1939), controverso classicista, arqueólogo e estudioso do Novo Testamento, cuja obra, embora “infelizmente desconsiderada”,<sup>2</sup> serviu de inspiração e modelo para os estudos de Hemer. A obra *The Letters to the Seven Churches of Asia*, de Hemer, foi, na verdade, uma importante expressão de seu entusiasmo inicial por Ramsey, um projeto concebido inicialmente como reavaliação da obra clássica de Ramsay, *The Letters to the Seven Churches* [As cartas às sete igrejas] (London: Hodder & Stoughton, 1904).<sup>3</sup> O trabalho de Ramsay se dividiu em duas fases. Em seu período inicial, predominou a exploração arqueológica de sítios da Antiguidade no interior da região oeste da Turquia nas duas últimas décadas do século 19.<sup>4</sup> Ramsay realizou contribuições expressivas para o conhecimento da geografia histórica da região,<sup>5</sup> descobriu e publicou centenas de inscrições e colaborou de inúmeras maneiras importantes para a reconstrução da história do cristianismo primitivo do segundo ao quarto século.<sup>6</sup> Também se interessou pelo cenário histórico do cristianismo neotestamentário, especialmente pelas viagens de Paulo e pelo cenário de Atos dos Apóstolos.<sup>7</sup> No período posterior, da virada do século até a morte de Ramsay em 1939, ele se

<sup>1</sup>C. J. Hemer, “Towards a new Moulton and Milligan”, *Novum Testamentum* 24 (1982), p. 97-123.

<sup>2</sup>Página 49, nota 42 da presente obra.

<sup>3</sup>Esse livro foi reimpresso duas vezes nos Estados Unidos, primeiro como parte da série *William M. Ramsay Library*, de dez volumes, publicada pela Baker Book House em 1979, e mais recentemente em uma “edição atualizada” organizada por Mark W. Wilson e publicada pela Hendrickson Publishers em 1994.

<sup>4</sup>É possível encontrar uma resenha das contribuições arqueológicas de Ramsay em W. H. C. Frend, *The archaeology of early Christianity: a history* (Minneapolis: Fortress, 1996), p. 93-104, 130-4.

<sup>5</sup>William Ramsay, *The historical geography of Asia Minor* (London: John Murray, 1890).

<sup>6</sup>William M. Ramsay, *The cities and bishoprics of Phrygia*, 2 vols. (London: Hodder & Stoughton, 1895, 1897), e *The church in the Roman Empire before A.D. 170* (London: G. P. Putnam, 1893).

<sup>7</sup>William M. Ramsay, *St. Paul the traveler and the Roman citizen* (London: Hodder & Stoughton, 1895), *A historical commentary on St. Paul's Epistles to the Galatians* (London: Hodder & Stoughton, 1899).

tornou um apologista cada vez mais fervoroso da confiabilidade histórica das cartas de Paulo e de Atos dos Apóstolos.<sup>8</sup> A firme ênfase de Ramsey na fidedignidade histórica das cartas paulinas e de Atos encontrou (e ainda encontra) um público receptivo em estudiosos ingleses e americanos evangélicos do Novo Testamento,<sup>9</sup> entre eles o próprio Hemer em uma obra póstuma sobre Atos editada por Conrad Gempf para a Tyndale Fellowship.<sup>10</sup>

As ideias de Hemer sobre as origens históricas e o caráter literário de Apocalipse, com algumas exceções, são relativamente convencionais e, em essência, refletem o final da década de 1960, quando ele escreveu a tese (ele atualizou a bibliografia até por volta de 1981, embora o livro só tenha sido publicado em 1986). Ele aceita a opinião moderna amplamente difundida de que Apocalipse foi escrito perto do final do reinado de Domiciano (81-96 d.C.), isto é, por volta de 95 d.C. Duvida que Apocalipse e o Quarto Evangelho possam ter sido escritos pela mesma pessoa; tudo o que se sabe sobre o autor de Apocalipse é que ele se chama “João” e que era de origem judaica. Apocalipse é o “registro de uma visão”<sup>11</sup> e não um artifício literário apocalíptico, mas, ainda assim, é “criativo”<sup>12</sup> e contém inúmeras referências históricas e geográficas locais específicas, embora ele não explique de que maneira esses dois posicionamentos aparentemente antitéticos podem, ambos, ser verdadeiros.<sup>13</sup> Hemer aceita a historicidade da “perseguição domiciana”, embora

---

<sup>8</sup>Um encômio biográfico não muito crítico de Ramsay que focaliza seu papel como estudioso do Novo Testamento e inclui uma lista de sua bibliografia de 22 livros e 102 artigos, de W. Ward Gasque, *Sir William M. Ramsay: archaeologist and New Testament scholar* (Grand Rapids: Baker, 1966).

<sup>9</sup>F. F. Bruce (que cita Ramsay 76 vezes em seu comentário de Atos) observa que a “confiabilidade [de Lucas] em questões de história e especialmente de geografia foi amplamente demonstrada pelo longo e brilhante trabalho de pesquisa do falecido Sir William Ramsay (*The Acts of the Apostles: the Greek text with introduction and commentary*, 2. ed. [Grand Rapids: Eerdmans, 1952], p. 17). Entre outros estudiosos protestantes evangélicos que simpatizavam com as propostas de Ramsay estão W. Ward Gasque, *A history of the criticism of the Acts of the Apostles* (Beiträge zur Geschichte der biblischen Exegese 17; Tübingen: Mohr-Siebeck, 1975), I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles* (Grand Rapids: Eerdmans, 1980) [publicado em português por Vida Nova sob o título *Atos: introdução e comentário*] e Stanley E. Porter, *The Paul of Acts* (Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament 115; Tübingen: MohrSiebeck, 1999).

<sup>10</sup>Colin J. Hemer, *The Book of Acts in the setting of Hellenistic history*, org. Conrad Gempf (WUNT 49; Tübingen: Mohr-Siebeck, 1989; reimpr. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1990).

<sup>11</sup>Página 46 da presente obra.

<sup>12</sup>Página 255-7 da presente obra.

<sup>13</sup>A tensão não resolvida nessa perspectiva é tema de comentário do alemão Gerhard Maier, que simpatiza com essa perspectiva e que fez uma resenha a esse respeito in: *Theologische Literaturzeitung* 113 (1988), p. 354-5.

estudos acadêmicos nos últimos 25 anos tenham mostrado que não há base histórica firme para uma perseguição oficial em todo o império durante o governo de Domiciano, mas que essa foi, na verdade, uma lenda cristã que chegou à sua forma plena em Eusébio de Cesareia no século IV d.C.<sup>14</sup> Embora Hemer praticamente despreze os estudos sobre o gênero do Apocalipse, ele propõe vários motivos pelos quais sua identificação com o gênero “apocalíptico” foi exagerada (o que reflete o desconforto comum dos ingleses com a literatura apocalíptica, como vemos na obra de C. H. Dodd e de G. B. Caird):<sup>15</sup> (1) Ênfase indevida na suposta *forma* apocalíptica de Apocalipse obscurece o fato de que seu *conteúdo* é muito mais relevante e inovador. (2) Ao contrário da literatura apocalíptica judaica em geral (os Oráculos Sibilinos são uma exceção), Apocalipse não ignora a história e a geografia. (3) Apocalipse apresenta habilidade literária intencional ausente da maioria dos textos apocalípticos judaicos. É impossível enfatizar excessivamente a influência do AT sobre o autor de Apocalipse, pois alusões ao AT permeiam todo o livro.<sup>16</sup> Por fim, Hemer parte do pressuposto de que a unidade literária de Apocalipse é demonstrável, embora reconheça a dificuldade de demonstrar de forma detalhada uma unidade do cenário histórico.

De acordo com Hemer, o método que ele usa para abordar Apocalipse 2—3 é “histórico-contemporâneo” (uma expressão que ele tomou emprestada de

---

<sup>14</sup>Para considerações recentes dessa questão, veja André Heinze, *Johannesapokalypse und johanneische Schriften: forschungs- und traditions-geschichtliche Untersuchungen* (Beiträge zur Wissenschaft vom Alten und Neuen Testament, 142; Stuttgart: Kohlhammer, 1998), p. 228-39, e Thomas B. Slater, *Christ and community: a socio-historical study of the Christology of Revelation* (Journal for the Study of the New Testament Supplement Series, 178; Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999), p. 26-42.

<sup>15</sup>Para Ramsay, o início e o fim epistolares de Apocalipse, que abrangem as sete cartas de Apocalipse 2 e 3 (que ele considerou “epístolas literárias”), não correspondiam à forma habitual da literatura apocalíptica judaica; antes, a seu ver, o autor havia incluído esses elementos epistolares em razão de sua forte ênfase pastoral (Ramsay, *The letters to the seven churches*, p. 35-49).

<sup>16</sup>Até certo ponto, podemos dizer que Hemer adiantou o interesse atual na importância do AT em Apocalipse, foco de várias monografias recentes, entre elas G. K. Beale, *The use of Daniel in Jewish apocalyptic literature and in the Revelation of John* (Lanham: University Press of America, 1984); Jon Paulien, *Decoding Revelation's trumpets: literary allusions and interpretation of Revelation 8: 7-12* (Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, 21; Berrien Springs: Andrews University Press, 1987); Jean-Pierre Ruiz, *Ezekiel in the Apocalypse: the transformation of prophetic language in Revelation 16, 17-19, 10* (Frankfurt am Main: Peter Lang, 1989); Jan Fekkes III, *Isaiah and prophetic traditions in the Book of Revelation: visionary antecedents and their developments* (JSNT Supplement Series, 93; Sheffield: JSOT Press, 1994); G. K. Beale, *John's use of the Old Testament in Revelation* (JSNT Supplement Series, 166; Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998).

R. H. Charles), ou exegese histórica; com isso, ele sinaliza um enfoque concentrado na reconstrução do significado do texto como era entendido pelo autor e pelos primeiros leitores. O autor não afirma que fornece uma exegese completa de cada carta, mas, sim, que focaliza palavras, expressões, imagens e símbolos em Apocalipse 2—3 que podem ser entendidos como referências locais, isto é, alusões ao *Sitz im Leben* das sete comunidades cristãs no contexto mais amplo da sociedade greco-anatólia na Ásia romana.<sup>17</sup> Isso significa que Hemer tem a tendência de atomizar o texto e focalizar apenas os elementos que parecem refletir acontecimentos da história passada, elementos topográficos e aspectos da vida contemporânea das cidades. Nas palavras de Hemer, as sete cartas “representam uma literatura popular: sem dúvida, seu sentido geral e muitas de suas alusões foram prontamente compreendidos por todos os leitores da Ásia Menor, mas cada uma é dirigida com ênfase especial a circunstâncias estritamente locais”.<sup>18</sup> Como Ramsay, Hemer minimiza a utilidade da literatura secundária e, em lugar dela, enfatiza sua dependência de fontes primárias e sua aplicação de evidências originais (geográficas, epigráficas, numismáticas, arqueológicas, literárias) ao texto de Apocalipse 2—3. Também nesse caso, como Ramsay que, a partir de 1880, dedicou vários anos à exploração do interior da Anatólia ocidental, onde descobriu e copiou centenas de inscrições, Hemer considerou essencial familiarizar-se com a arqueologia e a geografia da Turquia ocidental, que ele visitou duas vezes; a primeira em 1964 e a segunda em 1969. De acordo com Hemer, a argumentação que ele apresenta em *Letters to the seven churches* é, em essência, cumulativa e circunstancial; embora muitos detalhes talvez pareçam ter pouca relevância, a força de sua linha de raciocínio se encontra “nos argumentos como um todo”, isto é, se o leitor aceitar alguns dos resultados da exegese de Hemer, mas não todos, a argumentação a favor da presença de alusões locais concretas em Apocalipse 2 e 3 está provada.<sup>19</sup> Steven Friesen, um dos críticos mais veementes de Hemer, no entanto, considera problemática a argumentação cumulativa, pois “pouquíssimas partes

---

<sup>17</sup>Embora Hemer use com frequência a expressão *Sitz im Leben*, não a emprega com o significado alemão normal pressuposto nos estudos bíblicos acadêmicos, como “contexto social que dá origem a determinada forma oral ou literária”, mas, sim, como maneira de se referir às alusões históricas concretas refletidas no texto.

<sup>18</sup>Página 48 da presente obra.

<sup>19</sup>Essa perspectiva é adotada por C. H. H. Scobie, “Local references in the letters to the seven churches”, *NTS* 39 (1993), p. 616-7.

da linha de raciocínio de Hemer são convincentes”.<sup>20</sup> Também há estudiosos, exemplificados por Pierre Prigent, que negam haver qualquer referência local em Apocalipse 2 e 3.<sup>21</sup>

Apresento a seguir dois exemplos de referências locais; o primeiro não me parece convincente, mas o segundo, sim. O primeiro exemplo de referência local na carta a Éfeso (Ap 2.1-7) é a menção da “árvore da vida” no “paraíso de Deus” no versículo 7, que Ramsay trata de forma sucinta,<sup>22</sup> mas sobre a qual Hemer discorre demoradamente.<sup>23</sup> Embora ambas as expressões obviamente tenham uma longa tradição no judaísmo, não fica igualmente claro que os destinatários de Apocalipse tivessem conhecimento dessa tradição. Conforme Hemer, a árvore da vida (que talvez fosse associada à cruz de Cristo na tradição cristã) tem um análogo pagão no culto a Ártemis. A árvore é um símbolo associado a Ártemis de Éfeso em várias moedas da cidade (juntamente com a abelha e o cervo), e havia um santuário antigo junto a uma árvore no local em que foi construída uma série de templos para honrar Ártemis.<sup>24</sup> Ao que parece, essa árvore era relacionada à árvore sagrada de Ortígia (um monte da região), suposto local do nascimento da deusa. O santuário de Ártemis era conhecido na Antiguidade como lugar de refúgio, isto é, um lugar de “salvação” para os suplicantes, em sua maioria criminosos. Embora a localização da árvore da vida no paraíso de Deus seja uma alusão clara a Gênesis 2.9, na Ásia proconsular, *paradeisos* era, por vezes, um termo usado para um *temenos*, ou um recinto sagrado dos deuses, termo que podia ser facilmente aplicado ao recinto sagrado do templo de Ártemis em Éfeso. Os cristãos efésios podem ter entendido a árvore da vida como uma analogia com a árvore no recinto sagrado de Ártemis, um lugar de refúgio para criminosos, assim como a cruz de Cristo era o lugar de refúgio para o pecador arrependido. A meu ver, a apresentação dessa reconstrução histórica por Hemer não é nada convincente, pois é repleta de inferências não comprovadas (a aplicação do

<sup>20</sup>“Revelation, realia, and religion: archaeology in the interpretation of the Apocalypse”, *HTR* 88 (1995), p. 302.

<sup>21</sup>Pierre Prigent, *L'Apocalypse de Saint Jean*, 2. ed. (Geneva: Labor et Fides, 1988). Uma perspectiva semelhante é adotada por J. N. Sander, “John on Patmos”, *NTS* 9 (1962-63), p. 75-85.

<sup>22</sup>Ramsay, *Letters*, p. 248-9.

<sup>23</sup>Páginas 85-100 da presente obra.

<sup>24</sup>D. G. Hogarth, *Excavations at Ephesus: the archaic Artemisia* (London: British Museum, 1908).

termo *paradeisos* ao *temenos* de Ártemis; a associação do símbolo da árvore com o templo de Ártemis como lugar de refúgio; a pressuposição de que testemunhos de vários lugares e épocas fazem parte do conhecimento local dos efésios no final do primeiro século d.C.) e de manipulação linguística para tornar a analogia mais convincente (o refúgio como lugar de “salvação”).<sup>25</sup>

O segundo exemplo de possível referência local diz respeito ao abastecimento de água de Laodiceia, talvez mencionado em Apocalipse 3.15-16 na expressão “Você não é frio nem quente. Melhor seria que fosse frio ou quente! Assim, porque você é morno, nem frio nem quente, eu o vomitarei de minha boca”. Embora Ramsay não tenha comentado sobre esses versículos, uma referência à água morna de Laodiceia foi tema de artigos escritos por Rudwick e Green<sup>26</sup> e por Wood,<sup>27</sup> suplementados por Hemer.<sup>28</sup> O problema central da passagem diz respeito ao contraste entre “quente” e “frio”, ambas as quais consideradas alternativas desejáveis, embora não faça sentido caso sejam metáforas para fervor espiritual. Laodiceia não tinha fontes locais e não podia depender da água do rio Lico; portanto, a cidade construiu um aqueduto de termas que ficavam a oito quilômetros, em Denizli. A água de Laodiceia era morna e emética, em contraste com a água quente e medicinal de Hierápolis e a água pura e fria de Colossos, indicando que a comunidade cristã foi julgada por sua ineficácia e sua esterilidade, e não por sua indiferença ou “temperatura” espiritual. Embora haja muita coisa que ainda não sabemos sobre o abastecimento de água de Laodiceia, a identificação de uma referência local nesse caso parece bastante justificada.

Sem dúvida, o valor perene do livro de Hemer se encontra nos muitos paralelos com o texto de Apocalipse 2 e 3 que ele explora por meio de exame e avaliação meticolosos de evidências numismáticas, inscrições, literatura antiga, escavações arqueológicas e topografia. Embora muitas das cerca de cinquenta referências locais a favor das quais Hemer argumentou continuem

---

<sup>25</sup>Gerhard Maier, em contrapartida, considera a discussão por Hemer da árvore da vida inteiramente convincente em uma resenha in: *Theologische Literaturzeitung* 113 (1988), p. 355, como, ao que parece, também o faz John M. Court, *Myth and history in the Book of Revelation* (Atlanta: John Knox Press, 1979), p. 25.

<sup>26</sup>M. J. S. Rudwick; E. M. B. Green, “The Laodicean lukewarmness”, *Expository Times* 69 (1957-58), p. 176-8.

<sup>27</sup>P. Wood, “Local knowledge of the Letters of the Apocalypse”, *Expository Times* 73 (1961-62), p. 263-4.

<sup>28</sup>Páginas 291-8 da presente obra.

a ser especulativas e, em última análise, não comprovadas, os argumentos em si com frequência fornecem análises esclarecedoras da antiga vida urbana na região greco-anatólia. Antes de a tese de Hemer ser publicada em forma reescrita e resumida, foi usada por diversos estudiosos que se mostraram convencidos da utilidade dessa abordagem. Um dos capítulos da tese revisada de John M. Court para a Durham University focalizou “As cartas às sete igrejas” e constituiu um resumo e uma avaliação bastante favorável da obra de Hemer.<sup>29</sup> De modo semelhante, há extensas referências aos artigos publicados de Hemer, bem como à sua tese não publicada, na pesquisa arqueológica da Ásia romana realizada por Edwin Yamauchi.<sup>30</sup> Os insights de Hemer também aparecem com certa frequência no comentário sobre Apocalipse (1977) de Robert H. Mounce.<sup>31</sup> Desde a publicação de *The letters to the seven churches* de Colin Hemer em 1986, a obra tem se mostrado essencial em todos os comentários e discussões sérias sobre Apocalipse 2 e 3. O fato de seus estudos se basearem principalmente em fontes antigas significa que sua obra tem valor perene e continuará a ser consultada durante muitos anos por aqueles que desejam tratar dos problemas complexos apresentados pelo texto.

DAVID E. AUNE

---

<sup>29</sup>John M. Court, *Myth and history*, p. 20-42.

<sup>30</sup>*The archaeology of New Testament cities in Western Asia Minor* (Grand Rapids: Baker, 1980).

<sup>31</sup>*The Book of Revelation* (New International Commentary on the New Testament; Grand Rapids: Eerdmans, 1977; ed. rev. 1998).

## CAPÍTULO 1

# INTRODUÇÃO

---

### 1. Apresentação do tema

Nas palavras de H. B. Swete, “o livro [de Apocalipse] começa com uma situação histórica bem definida, à qual se volta a fazer referência no final, e as visões intermediárias que constituem o corpo da obra não podem, em nenhuma teoria arrazoada, ser dissociadas de seu ambiente histórico. A profecia surge de circunstâncias locais e contemporâneas; é, pelo menos a princípio, a resposta do Espírito para os temores e perigos dos cristãos da Ásia Menor perto do fim do primeiro século. Por isso, tudo o que possa esclarecer a Ásia de 70-100 d.C. e a vida cristã ali nesse período é de importância fundamental para quem estuda Apocalipse, não apenas em razão das alusões locais nos capítulos 2—3, mas para ajudar a identificar o objetivo e a tônica de toda a obra” (*The Apocalypse of St. John* [O Apocalipse de São João], 2. ed. Londres, 1907, p. ccxviii).

Swete certamente está correto em enfatizar a importância da abordagem histórica ao livro, e as cartas às sete igrejas constituem a seção em que a situação histórica é mais explícita e acessível. Temos aqui a chave para a fechadura mais fácil em um texto reconhecidamente difícil.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>A perspectiva “histórico-contemporânea” habitual que associa o livro a uma perseguição por Domiciano foi questionada, porém, por B. Newman, ‘The fallacy of the Domitian hypothesis: critique of the Irenaeus source as a witness for the contemporary-historical approach to the interpretation of the Apocalypse’, *NTS* 10 (1963-64), p. 133-8. Para Newman, Apocalipse traz uma polêmica antignóstica. Concordo com sua crítica do uso frequente que se faz de paralelos apocalípticos, mas prefiro não basear a argumentação a favor do cenário de perseguição nessas premissas. O problema histórico da perseguição domiciana merece detalhado estudo próprio.

Alguns dos estudos recentes mais competentes voltaram a levantar perguntas a respeito das quais, em outros tempos, havia se chegado a certa medida de consenso sobre a datação do período de Domiciano e o cenário de perseguição. J. A. T. Robinson, de modo específico, defendeu uma datação recuada em sua obra *Redating the New Testament* (London, 1976). J. P. M. Sweet, *Revelation* (London, 1979), p. 25-34, e P. Prigent, *L'Apocalypse de Saint Jean* (Lausanne/Paris, 1982), p. 375, minimizaram a perseguição como fator sob Domiciano, enquanto A. A. Bell, *NTS* 25 (1978-79), p. 93-102, argumenta a partir da negação da perseguição a favor da rejeição de uma data domiciana.

Deve-se dar o devido peso à importância fundamental do Antigo Testamento, cujas palavras e conceitos permeavam a mente do escritor. Vemos, porém, que reminiscências veterotestamentárias são aplicadas repetidamente às necessidades específicas das igrejas locais. As cartas têm, na verdade, um *Sitz im Leben* reconhecível nas comunidades locais.

O estudo também traz à baila algumas implicações mais amplas. Apocalipse pode ser datado de modo bastante definido em um ponto dentro do período obscuro, mas de grande importância, na história da igreja que sucedeu a queda de Jerusalém em 70 d.C. Depois dessa data, o foco do cristianismo deixou de ser a Judeia, mas ainda não havia se estabelecido em Roma. Nesse ínterim, um de seus centros mais fortes era a sociedade greco-anatólia das grandes cidades da Ásia proconsular. Ali, o judaísmo da Diáspora se encontrou com a cultura helenística e oriental sob a autoridade de Roma. As informações sobre as igrejas que derivam das cartas são colocadas em um contexto que se presta a certo grau de investigação histórica independente. Algumas das reconstruções oferecidas pelo estudo crítico-literário dos textos do Novo Testamento parecem suscetíveis a objeções justamente porque suas conclusões não são verificáveis de forma independente e suas pressuposições cronológicas são incertas.<sup>2</sup> Portanto, entre outras coisas, examinaremos a composição racial, religiosa e social das cidades, seus problemas e suas

---

A dificuldade de Apocalipse 17.10 para a datação precisa ser reconhecida. Qualquer que seja o caso, quando permanece sem resolução, é difícil encaixar o versículo em uma data domiciana sem recorrer a uma argumentação enviesada. E, no entanto, as possibilidades são várias. Reluto em propor a inclusão aqui de um oráculo anterior não assimilado em um livro marcado de modo geral por uma estrutura complexa, simplesmente para evitar uma dificuldade.

Este livro procurará explicar as situações das cartas com devida consideração pelas dimensões dos problemas. Proponho que “perseguição” não é um termo fácil de definir e de descobrir por meio de critérios claros; antes, pressões complexas existiam na situação histórica e podem ter sido desencadeadas por autoridades não necessariamente predispostas a “perseguir”, mas que adotaram políticas conflitantes com um grupo vulnerável. É importante enfatizar a complexidade da situação geral e as grandes variações de circunstâncias locais, em que ideias de um quadro de gnosticismo ou de alguma outra oposição generalizada são, com frequência, excessivamente simplistas. Prefiro visualizar um impacto variável de pressões muitas vezes opostas intensificadas pelos resultados incidentais de políticas públicas. Essa abordagem talvez seja diferente da visão de Sweet e de outros mais em perspectiva e grau do que em substância; desejo enfatizar a severidade das tribulações presentes e iminentes e não lhe negar o título “perseguição” da perspectiva cristã, qualquer que seja a visão oficial.

<sup>2</sup>Cf. S. Neill, *The interpretation of the New Testament 1861-1961*, p. 346, em que, em sua avaliação final dos estudos acadêmicos modernos, critica a falta de autocrítica do cientista na testagem rigorosa de hipóteses.

formas de pensar e procuraremos correlacionar nossas inferências a partir do texto com o estudo do ambiente. Nosso principal objetivo será identificar o que as cartas significavam para seus primeiros leitores. Ao longo desse processo, podemos esperar encontrar alguns elementos que contribuam para um retrato da igreja no período entre 70 e 100 d.C. Não temos nenhuma pretensão de fazer qualquer coisa além disso, pois os dados são fragmentários demais. É melhor posicionar corretamente algumas peças do quebra-cabeça do que mudar a forma das peças arbitrariamente a fim de construir uma imagem que talvez se mostre, em sua maior parte, errônea.

As páginas a seguir foram escritas com a convicção da importância de um método histórico criterioso e da necessidade de sujeitar os textos e as interpretações, na medida do possível, ao teste de conteúdos independentes extraídos da literatura clássica, epigrafia, numismática e arqueologia. É importante que os limites convencionais das diversas disciplinas sejam, com isso, ocasionalmente transpostos e que se permita que a maior variedade possível de evidências relevantes contribua para o esclarecimento do texto.

## **2. O problema histórico**

### ***a. Algumas observações sobre a datação de Apocalipse***

Uma discussão exaustiva de problemas perenes como a autoria e a data de Apocalipse está fora do escopo desta obra. Quanto à autoria, basta apenas observar que o escritor se apresenta pelo nome “João” (Ap 1.9) e que ele demonstra conhecimento profundo do Antigo Testamento e das circunstâncias das setes cidades a cujas igrejas ele se dirige, e podemos inferir com base em seu contexto de pensamento e nos estranhos semitismos de seu estilo que ele era de origem judaica. Sua identidade específica além desses pontos não é essencial para o propósito do presente estudo. A referência ocasional a ele como “João” é uma questão de conveniência.<sup>3</sup>

O problema da data, contudo, é um fator de grande importância para o *Sitz im Leben* histórico. Parti de uma aceitação provisória da datação

---

<sup>3</sup>No entanto, não há fundamento para considerar o livro pseudônimo, como outros textos apocalípticos anteriores. O nome do escritor era, reconhecidamente, João; a pergunta é: “Qual João?”. Uma discussão recente e importante da complexidade das origens da literatura joanina se encontra em E. S. Fiorenza, “The quest for the Johannine school: the Apocalypse and the Fourth Gospel”, *NTS* 23 (1977), p. 402-27.

domiciana ortodoxa, uma perspectiva confirmada por estudos adicionais. Não faz parte de nosso propósito aqui repetir o amplo consenso de testemunhos internos e externos em que essa conclusão é baseada, nem discorrer em detalhes sobre dificuldades reconhecidas como a identificação dos reis em Apocalipse 17.9-11.<sup>4</sup> Alguns desses problemas envolvem questões mais amplas de unidade do livro e seu possível uso de fontes não assimiladas. A questão imediata diz respeito às evidências internas das sete cartas e até que ponto passagens relacionadas adiante no livro fornecem informações que podem ser associadas a elas. Temos de adiantar aqui os resultados de algumas discussões posteriores ao afirmar de modo geral a unidade literária e histórica do todo.

R. H. Charles (p. xciv-xcv, 43-6) afirma que as cartas foram escritas, inicialmente, sob Vespasiano, mas revisadas pelo próprio João a fim de torná-las adequadas para a incorporação em uma obra produzida sob Domiciano. De acordo com Charles, com exceção de Apocalipse 3.10, elas não contêm nenhuma referência ao culto aos Césares nem ao martírio universal implícito nos capítulos posteriores. Ele infere que esse versículo, bem como os títulos introdutórios e as fórmulas de conclusão, fazem parte da revisão.

Toda a tendência do estudo histórico do texto parece contradizer categoricamente essa separação das epístolas. O argumento a favor de sua unidade situacional interna, como é o caso de muitas outras coisas em Apocalipse, terá de ser desenvolvido de forma cumulativa ao longo de todo o nosso estudo. No presente estágio, duas objeções específicas podem ser feitas em resposta a Charles: (1) o culto ao imperador é parte essencial da situação por trás de várias cartas; (2) as fórmulas de introdução e conclusão são, também, apropriadas para as circunstâncias das igrejas às quais são dirigidas; sua unidade com suas respectivas epístolas se encontra em um ambiente histórico em comum, e não dentro de um quadro literário artificial, como Charles supôs (p. 25-27).

---

<sup>4</sup>Para discussões gerais das questões de datação, veja H. B. Swete, *The Apocalypse of St. John* 2. ed. (London, 1907), p. xcix-cv; I.T. Beckwith, *The Apocalypse of John* (New York, 1919), p. 197-208; R. H. Charles, *A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John* (Edinburgh, 1920), I, p. xci-xcvii. Referências posteriores a esses autores serão relacionadas a esses comentários e edições, a menos que seja especificado algo diferente; no caso de Charles, as referências serão ao primeiro volume de seu comentário, a menos que seja especificado algo diferente. Veja também Robinson, *Redating*.

Deixarei para a próxima seção a consideração detalhada desse *Sitz im Leben* e do tema do culto imperial de modo específico e me concentrarei aqui em alguns dados de Apocalipse 2—3 que tendem a confirmar nossa datação domiciana do todo. Essa é uma questão que requer grande cautela, pois algumas alusões são a fatores operantes nas cidades ao longo de períodos consideráveis de sua história. No entanto, há alguns casos em que podemos suspeitar de uma correlação com acontecimentos ou desdobramentos possíveis de datar.

(1) Apocalipse 3.17 foi associado à recuperação de Laodiceia, sem ajuda externa, do terremoto durante o reinado de Nero (Ramsay, *SC*, p. 428). As evidências nesse caso podem ser interpretadas de várias formas, mas proponho a forte probabilidade de que a referência seja a um estágio posterior de reconstrução, mencionado no texto mais antigo *Oráculos Sibílicos* (4.108, de c. 80 d.C.), e que ocupou uma geração inteira entre o desastre e o tempo de Domiciano.<sup>5</sup>

(2) Aduzimos razões para aceitar a ideia de que Apocalipse 6.6 faz alusão a um decreto publicado por Domiciano em 92 d.C. para limitar o cultivo de videiras nas províncias (Suet. *Dom.* 7.2; 14.2) e associamos esse fato ao cenário contemporâneo da carta à igreja de Filadélfia.<sup>6</sup>

(3) Em Apocalipse 2.7, talvez encontremos uma referência ao abuso do direito de refúgio em Éfeso, um problema que, de acordo com as cartas nitidamente contemporâneas de Apolônio de Tiana (n. 65, 66), era extremamente sério durante o governo de Domiciano.

(4) Oferecemos uma explicação para as “sinagogas de Satanás” em Esmirna e Filadélfia (Ap 2.9; 3.9) que as associa a conflitos em andamento sob Domiciano. Argumentamos, ainda, que a ocasião foi fornecida pela conjunção da política desse imperador com a inserção da maldição dos minim no *Shemoneh ‘Esreh*, por volta de 90 d.C. O resultado da controvérsia pode

---

<sup>5</sup>A ênfase na reconstrução, e não na calamidade inicial, concorda com a objeção de J. Moffatt de que o incidente se encontra no passado distante (“The Revelation of St. John the Divine”, *The expositor’s Greek Testament*, org. W. Robertson Nicoll [1910], V. 371). Referências posteriores a Moffatt serão relacionadas a esse comentário.

<sup>6</sup>Para C. C. Torrey, a referência proposta de Apocalipse 6.6 a esse decreto é um argumento forte, mas ele afirma que ações paralelas podem ter sido realizadas por outros governantes (*The Apocalypse of John* [1958], p. 79). No entanto, essa parece ser uma compreensão equivocada da situação. As autoridades literárias deixam claro que esse decreto causou indignação sem precedentes e violou princípios de agricultura aceitos (veja comentário sobre Filadélfia, no cap. 8).